Bolsas — Na sexta-feira: 2% São Paulo; 0,53% Nova York

Pontuação B3 — Ibovespa nos últimos dias: 106.864 / 109.697 (20/12, 21/12, 22/12, 23/12)

Dólar — Na sexta-feira: R$ 5,166 (- 0,38%)

Últimos	
19/dezembro	5,309
20/dezembro	5,297
21/dezembro	5,202
22/dezembro	5,202

Salário mínimo — R$ 1.212

Euro — Comercial, venda na sexta-feira: R$ 5,486

CDI — Ao ano: 13,65%

CDB — Prefixado 30 dias (ao ano): 13,66%

Inflação — IPCA do IBGE (em %)

Julho/2022	-0,68
Agosto/2022	-0,36
Setembro/2022	-0,29
Outubro/2022	0,59
Novembro/2022	0,41

CONJUNTURA / IPCA-15 indica que, embora tenha caído por conta dos cortes de tributos promovidos pelo governo, carestia oficial deve fechar 2022 acima da meta perseguida pelo Banco Central. Em dezembro, índice subiu 0,52%

Prévia da inflação fecha o ano em 5,90%

» MICHELLE PORTELA

Tendo os alimentos e os combustíveis como principais vilões, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15 (IPCA-15), considerado a prévia da inflação oficial, subiu 0,52% em dezembro, com alta em todas as regiões. O indicador mostrou estabilidade em relação ao mês anterior, quando a alta havia sido de 0,53%, e, no ano, acumulou elevação de 5,90%. Em Brasília, a variação anual foi de 5,91%.

Se a variação anual for confirmada pelo IPCA, o indicador oficial, a inflação terminará 2022 acima do teto da meta do Banco Central, que é de 5%, pelo segundo ano consecutivo. Em 2021, o IPCA-15 marcou variação de 10,42%. A redução, segundo analistas, se deve ao corte de tributos promovido pelo governo durante a campanha eleitoral.

O levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que, dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados, sete tiveram aumento em dezembro. Os maiores impactos no índice vieram do grupo transportes, cujos preços subiram 0,85%, e alimentação e bebidas (0,69%), que têm grande peso no cálculo do IPCA-15. Esses dois conjuntos tiveram impacto de 0,17 e 0,15 ponto percentual no índice, respectivamente. Vale ressaltar que 39 itens do grupo de alimentação e bebidas estão entre as 50 maiores altas do mês

A alta de alimentos em dezembro teve como destaque o aumento de 26,18% da cebola e de 19,73% do tomate. Nos últimos três meses, de acordo com o IBGE, as variações acumuladas desses dois produtos foram de 52,74% e 49,84%, respectivamente. Arroz (2,71%) e carnes (0,92%) também subiram no mês. "Os preços avançaram em várias linhas de produtos que formam a base da alimentação brasileira", comentaram Marcos Caruso e Eduardo Villarim, analistas do Banco Original.

Isoladamente, a maior variação, ficou com o grupo vestuário (1,16%), que acumulou alta de 18,39% no ano. Nesse conjunto, houve encarecimento de todos os itens. A maior pressão veio das roupas femininas (1,54%) e masculinas (1,47%).

A pesquisa do IBGE mostrou alta de preços em todas as capitais em que a pesquisa é realizada. A maior variação ocorreu em Goiânia (0,89%), também puxada por alimentos. Em Brasília, houve aumento de 0,80%.

> **A expectativa é de que a retomada do imposto sobre combustíveis, energia elétrica e telecomunicações adicione 1,2% no IPCA. Nesse cenário, a inflação de 2023 ficaria próxima de 6%"**
>
> ***Trecho de relatório do Mitsubishi UFJ Financial Group***

Especialistas avaliam que a pressão dos preços de alimentos, em dezembro, é resultado do grande volume de chuvas, que prejudicou o cultivo de frutas e hortaliças. Além disso, a demanda sazonal de fim de ano também impactou os custos de serviços como passagens aéreas e hospedagem.

A elevação de 0,85% no grupo transportes se deveu principalmente à alta de 0,47% nos preços das passagens aéreas. Os combustíveis avançaram 1,79% em dezembro, depois de marcar 2,04% em novembro. A gasolina subiu 1,52%, sendo responsável pelo maior impacto individual no índice do mês. Entre os outros combustíveis, os custos de etanol subiram 5,44%, mas óleo diesel e gás veicular tiveram quedas de 1,05% e 1,33% em dezembro.

No grupo Habitação, a principal contribuição veio da energia elétrica residencial (0,87%). As variações nas áreas pesquisadas ficaram entre queda de-0,71% no Rio de Janeiro e alta de 18,78% em Brasília, onde as tarifas por kWh foram reajustadas em 21,54% a partir de 3 de novembro.

Viés de alta

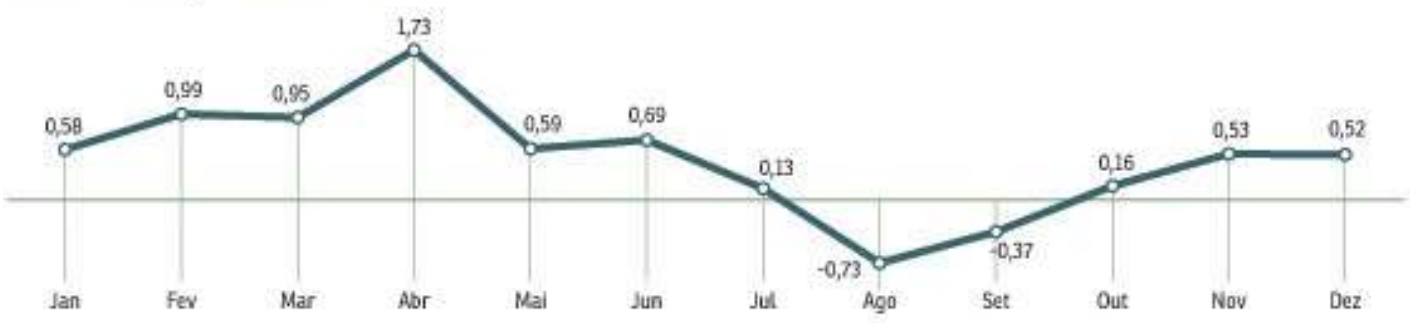
Em relatório, o Mitsubishi UFJ Financial Group, holding do Banco MUFG Brasil, avaliou que, apesar dos resultados moderados em dezembro, a inflação pode subir nos próximos meses. "Para 2023, mantemos nossa previsão do IPCA em 4,7% por enquanto, estando mais próximos do teto da meta, de 4,75. No entanto, essa previsão tem um claro viés ascendente, especialmente em caso de deterioração fiscal mais acentuada", diz o documento.

Para os analistas do banco, um ponto que deverá pressionar os preços a partir de janeiro é a expectativa de retomada da tributação normal sobre itens com importante peso no custo de vida. A redução de tributos como ICMS e Pis Cofins, adotada pelo governo durante a campanha eleitoral, foi a principal responsável pela deflação experimentada pelo país entre julho e setembro, e ajudou a conter a expansão do IPCA-15 no ano como um todo. "Agora, a expectativa é de que a provável retomada do imposto sobre combustíveis, energia elétrica e telecomunicações, bem como o IPI sobre bens de manufatura no início do próximo ano adicione 1,2% no IPCA. Nesse cenário, a inflação de 2023 ficaria próxima de 6%", escreveram.

Carestia

Transportes e Alimentação pressionam prévia da inflação em dezembro. Índice anual é o menor desde 2015

IPCA-15 — Variação mensal (em%)



IPCA-15 —Variação em 12 meses (em %)



IPCA-15 — Variação por grupo de produtos (em%)

Grupo	Em dezembro	No ano
Alimentação e bebidas	0,69	11,96
Habitação	0,40%	0,24
Artigos de residência	-0,46%	8,39
Vestuário	1,16%	18,39
Transportes	0,85%	-1,01
Saúde/ cuidados pessoais	0,40%	11,24
Despesas pessoais	0,39%	7,54
Educação	0,00	7,37
Comunicação	0,18%	-1,17

Fonte: IBGE



Pixabay/Divulgação



B3 fechou avançou 6,65% na semana; moeda americana recuou 2,4%

Bolsa tem quarto dia de alta e dólar cai

O resultado do IPCA-15 de dezembro foi um dos fatores que levaram a Bolsa de Valores de São Paulo (B3) a registrar mais uma dia no azul, ontem. O Ibovespa recuperou a linha dos 109 mil pontos e se manteve mais uma vez bem à frente dos índices acionários americanos e europeus. Foi o quinto ganho consecutivo do principal indicador da B3, uma sequência que não se via desde o período entre 17 e 21 de outubro. Com alta de 2% no dia, fechando aos 109.994 pontos,o índice avançou 6,65% na semana. No mês, ainda registra recuo de 2,48%.

O movimento da sexta-feira ficou em R$ 23,2 bilhões, abaixo da média que vem sendo negociada na bolsa e, segundo analistas, acabou favorecendo a alta. "O nível de negociação um tanto menor, aqui como no exterior, favoreceu a volatilidade na sessão pré-Natal, com muita gente já de fora, pelo feriado", disse Gustavo Neves, especialista em renda variável da Blue3. Além disso, as mudanças feitas na PEC da Transição, reduzindo o período de gastos acima do teto continuaram repercutindo positivamente entre os investidores, "bem como a recepção aos nomes já anunciados pelo governo eleito", para os ministérios e as áreas técnicas da Fazenda. "Não foi negativo como se chegou a temer", afirmou.

O apetite por investimento de risco foi amparado também pelo resultado do IPCA-15 de dezembro, num momento em que os investidores têm refeito contas com relação à taxa básica de juros, a Selic, tendo em vista a possibilidade de expansão fiscal em 2023 no Brasil, em paralelo ao aumento de juros ainda em curso em economias centrais, como Estados Unidos e Zona do Euro.

"O IPCA-15 ficou em 0,52% em dezembro, o que traz o índice anual de 6,17% para 5,90%, alinhado com o IPCA cheio. Não trouxe surpresas ruins, nem nenhuma grande mudança, após o período de deflação, especialmente em transportes entre julho e outubro. Há uma estabilidade saudável, mas é preciso seguir acompanhando nos próximos meses", avaliou Bruno Mori, economista e sócio-fundador da Sarfin.

No mercado de câmbio, o dólar apresentou a quarta baixa consecutiva, cotado a R$ 5,166 para venda, em queda de 0,38%. Com o resultado, a divisa americana acumula recuo de 2,42% em relação ao real na semana e, no ano, cai 7,35%. A disparada dos preços de commodities e a redução da incerteza fiscal do País apoiaram a moeda brasileira ao longo da sessão.

Para o chefe de câmbio da Trace Finance, Evandro Caciano, a redução das incertezas do cenário doméstico ainda é a principal responsável pelo fortalecimento do real. O profissional destaca que a promulgação da PEC da Transição e a votação do Orçamento permitiram o desmonte de posições defensivas no câmbio.

"Desde ontem, a apresentação do time de ministros e a definição da PEC da transição desenharam um movimento de calmaria nos mercados. Quando você olha o movimento, está acontecendo um desmonte de posições de hedge no dólar", diz Caciano. "O valor interno continua se sobrepondo ao externo, na mesma toada do Ibovespa, que também foi super bem."